



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

Iomana Layla Luz Vieira

**A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA ROMÂNTICA NO ROMANCE SENHORA DE JOSÉ
DE ALENCAR**

**PICOS
2019**

Iomana Layla Luz Vieira

**A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA ROMÂNTICA NO ROMANCE SENHORA DE
JOSÉ DE ALENCAR**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Português da Universidade Federal do Piauí
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção
do título de Graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro

**PICOS
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo**

V657c Vieira, Iomana Layla Luz.
A construção da heroína romântica no romance *senhora de José de Alencar*. / Iomana Layla Luz Vieira. -- Picos, PI, 2019.
27 f.
CD-ROM: 4 ¼ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
“Orientador(A): Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro.”

1. Romantismo (Literatura). 2. Análise Literária. 3. Literatura – Personagem - Herói . I. Título.

CDD 801.905

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

Iomana Layla Luz Vieira

**A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA ROMÂNTICA NO ROMANCE SENHORA DE
JOSÉ DE ALENCAR**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Português da Universidade Federal do Piauí
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção
do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 12 de junho de 2019.

Banca Examinadora:

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Orientador)

Cristiane Seltosa Pinheiro

(Examinador)

Fernanda Martins Luz Barros

(Examinador)

A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA ROMÂNTICA NO ROMANCE SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR¹

IOMANA LAYLA LUZ VIEIRA²

WELBERT FEITOSA PINHEIRO³

RESUMO

O presente artigo visa abordar a construção da heroína romântica através da personagem Aurélia Camargo na obra *Senhora de José de Alencar*. Na qual, serão contestados os costumes que giravam em torno do perfil feminino na sociedade oitocentista marcada historicamente pelo pensamento patriarcal que cedia pouco espaço a mulher e estabelecia uma espécie de submissão ao sexo masculino. Aurélia é apresentada como uma personagem distinta, no que se refere aos padrões e costumes da época. Por esse motivo, esse trabalho tem como propósito estabelecer uma análise crítica sobre as relações estabelecidas entre o meio social e o perfil dual da protagonista, como também analisar as idealizações românticas presente nesse livro. Esse estudo foi fundamentado em uma pesquisa bibliográfica de forma qualitativa utilizando-se dos teóricos Kothe (1946), Bourneuf e Ouellet (1976), Cândido (2009), Coutinho (2002), Aguiar e Silva (1999) entre outros.

Palavras-chave: Romantismo. Herói. Dualidade. Personagem

ABSTRACT

The present article aims to approach the construction of the romantic heroine through the character Aurelia Camargo in the novel *Senhora de José de Alencar*. In which the customs that revolve around the female profile in the nineteenth century society historically marked by the patriarchal thought that gave little space to the woman and established a kind of submission to the masculine gender will be challenged. Aurelia is presented as an enigmatic character totally the opposite to the standards and customs of the time. For this reason, this work has the purpose of establishing a critical analysis of the relations established between the social environment and the ambiguous profile of the protagonist, as well as analyzing the romantic idealizations present in this book. The work will be based on a bibliographical research in a qualitative way, using the theorists Kothe (1946), Bourneuf e Ouellet (1976), Cândido (2009), Coutinho (2002), Aguiar e Silva (1999) among others.

Keywords: Romanticism. Hero. Duality. Character

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/ Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a aprovação da disciplina de Trabalho de conclusão de curso II.

² Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/ Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: iomanalayla@hotmail.com.

³ Doutor em Educação pela da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Adjunto da UFPI- Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos- PI. E-mail: welbertfp@hotmail.com.

1. Introdução

Publicado em 1875, o romance *Senhora* constitui a última obra urbana do escritor José de Alencar em que são apresentados os costumes e os princípios que regiam a sociedade do século XIX. O autor demonstra forte percepção da realidade e expõe de forma realista as relações entre as pessoas e o modo como os sentimentos eram vislumbrados na época, registrando uma verdadeira denúncia às questões sociais e individuais do ser humano.

Por pertencer ao movimento romântico, o livro *Senhora*, assinala um verdadeiro retrato da sociedade fluminense. Conforme Bosi (2015), o romantismo representa os sentimentos dos inconformados com a ordem socioeconômica entre nobreza e a pequena burguesia. Originando uma espécie de insatisfação com a realidade, na qual o escritor busca se refugiar em seu mundo interior para fugir da existência que o cerca. Diferentemente dos clássicos, os românticos demonstram certo desequilíbrio da realidade que se encontram, dando maior importância à subjetividade, a liberdade de expressão e ao sentimentalismo.

A natureza aparece como fuga, onde a intuição e a fantasia passaram a prevalecer em oposição da razão. Sobre essa causa, os escritores passaram a exaltar a nação e a figura do herói, como uma forma de negação a cultura aristocrática que ainda prevalecia no meio social. No Brasil, o romantismo surgiu em 1836 com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* do escritor Gonçalves de Magalhães, em meio a um cenário de reformas políticas e transformações socioculturais. Nesse mesmo período, vários intelectuais brasileiros estavam engajados no projeto de criação de uma literatura autenticamente brasileira, que pudesse apresentar a paisagem, a cultura e temas que estivessem voltados à realidade social e histórica da nação.

Esse cenário marcado por intensas modificações sociais convencionou para que em *Senhora* fossem descritos os costumes da sociedade oitocentista e os traços que delineavam o perfil de mulher naquele período. Observa-se que o romantismo promoveu a busca pelos sentimentos voltados para o “eu”, através de personagens esféricas, com bastante complexidade em suas particularidades. Sob essa ótica, José de Alencar descreve Aurélia uma personagem singular e portadora de múltiplas faces.

No início da narrativa, é apresentada como a estrela que raiou no céu fluminense onde seu brilho se assemelha a um reflexo de raio de sol no prisma de diamante. Refletindo uma das características presentes no perfil da heroína, que seria de uma mulher resolvida e independente.

Assim, as contradições psicológicas da personagem Aurélia foi um das causas que mais contribuiu para realização dessa pesquisa. Ao mesmo tempo em que é descrita como a específica heroína romântica *deusa dos bailes, ídolo dos noivos em disponibilidade*, o narrador também a caracteriza de *fada das chamas, lasciva salamandra*. Apontando, uma personagem que se distingue em torno de suas atitudes e ações.

Desta forma, o problema de pesquisa visa investigar como a dualidade da personagem Aurélia Camargo contribuiu para que a mesma fosse discernida dos moldes de caracterização da heroína romântica?

O objetivo geral propõe analisar a construção da personagem Aurélia no romance *Senhora*, seu caráter dual perante o meio social, e as características românticas empregadas no seu perfil. Da mesma forma, os objetivos específicos buscam caracterizar o perfil do herói romântico a partir da personagem Aurélia Camargo, como também o processo de incidência do dualismo da protagonista e seu impacto na urdidura textual.

Vale dizer que a natureza deste trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica em que se utiliza o método qualitativo para conceituar os elementos de construção da personagem Aurélia Camargo. Para essa análise são utilizadas as concepções de alguns teóricos da literatura tais como Kothe (1985), Bourneuf e Ouellet (1976), Cândido (2009), Coutinho (2002), Aguiar e Silva (1999) dentre outros.

A pesquisa se estrutura em três tópicos: O primeiro apresenta uma breve discussão a respeito do movimento romântico. O segundo expõe a biografia de José de Alencar, seu estilo e as especificidades de suas obras. Além, dos critérios de alguns teóricos em relação à composição da personagem e a formação do herói romântico. No terceiro e último tópico, encontra-se as considerações sob o perfil da personagem Aurélia, e as características que ajudaram a diversificá-la na modalidade heroica. Neste trabalho, apresenta-se uma contextualização do universo feminino de Aurélia Camargo. Revelando para seus leitores o caminho árduo que a mulher tem trilhado para constituir seu papel social.

2. O movimento romântico literário

Durante o século XVIII surgem na Alemanha e Inglaterra as primeiras manifestações pré-românticas retratando uma renovação nas formas de expressão, e em temas que expressassem os estados de alma do escritor e a realidade que o cerca. A natureza e o amor aparecem como um dos conceitos apontados por esse movimento. Uma vez que os artistas buscavam certa aproximação com os tempos medievais época de formação das nações, valorização dos heróis e da cultura popular.

No século XIX as concepções passaram adquirir maior relevo e a resultar no chamado Romantismo. Corrente literária que pode ser caracterizada pela exaltação dos sentimentos e pela valorização da natureza. A liberdade de expressão é uma de suas originalidades, compreendida como uma forma de negação ao racionalismo e o materialismo divulgado pela Revolução Industrial e a Revolução Francesa.

Sob esse quadro, são deflagrados os principais aspectos do movimento romântico como o desejo de liberdade, independência nacional, subjetivismo e o escapismo. Insatisfeitos com a ordem social, os indivíduos passam a utilizar a imaginação para fugir das apreensões encontradas no mundo real. Aponta Coutinho (2002, p.7):

[...] Graças à imaginação criadora, o poeta era dotado de uma capacidade peculiar de penetrar num mundo invisível situado além do visível, ao qual tornava um visionário, aspirando saudoso por um mundo diferente, no passado ou no futuro, outro mundo mais satisfatório do que o familiar.

A visão do mundo invisível esclarece a significação das motivações do “eu” romântico. A imaginação pode ser definida como parte essencial do espírito poético. Por meio dela o “eu” transfere suas aspirações, suas tristezas em um mundo imaginário onde avultam o sonho e o devaneio. Diferente dos clássicos, os românticos recorrem à sensibilidade, as emoções no intuito de idealizar o mundo real, e não imitá-lo.

Coutinho (2002) expõe que o romantismo estava em contemplar uma arte que levasse em consideração os elementos nacionais, a subjetividade e a realidade da nação. O germe desse movimento se implantou a partir da contestação dos conceitos difundidos pelo neoclassicismo. Relata Coutinho (2002, p.5),

O fenômeno em história literária e artística, hoje conhecido como romantismo, constituiu em uma transformação estética e poética desenvolvida em oposição à tendência neoclássica setentista e inspirada nos modelos medievais.

Os românticos atribuem grande importância ao sentimentalismo descartado pelos neoclassicistas por se encontrarem desequilibrados em seu mundo interior. A natureza passa a ser vista como um local de inspiração, fonte do lirismo poético em que o indivíduo reflete sua individualidade e expressa seus sentimentos.

Na natureza encontram os antídotos das inquietudes que afligem o sujeito poético. Deslocando-se da realidade, o sujeito volta a seu mundo imaginário e passa a retratar suas paixões, sua individualidade e seus sentimentos. Sobre essa questão, menciona Bourneuf e Ouellet (1976, p.209) “[...] As imagens da natureza não constituem apenas, um equivalente da emoção, a paisagem não é apenas um estado de alma; ela ilumina a vida inconsciente do protagonista”. Por meio dela, o “eu” lírico manifesta seu olhar inconsciente e transfere sua emotividade.

Nesse aspecto, a narrativa romântica elucida uma realidade idealizada, cercada de sentimentalismos e significações agradáveis. Seus escritores se engajam aos conceitos retratados nos tempos medievais através de figuras heroicas, batalhas, intrigas, e aventuras amorosas. Para Bourneuf e Ouellet (1976, p.5) “[...] Romance, portanto, identifica-se de imediato a lazeres, a férias do corpo e da imaginação, a diversão, no sentido que nos afasta da vida real para nos imergir em um mundo fictício”. Através deste, o homem se esvai da realidade e concebe um mundo imaginário, onde a fantasia passa a embelezar suas emoções.

O romance serviu como um verdadeiro aliado tanto ao leitor como ao sujeito lírico. A partir de suas projeções que vão além do consciente, o indivíduo passou a interagir melhor socialmente. Perante isso, no século XIX adentrou um crescente público do romance. Uma vez que coincide com surgimento das máquinas rotativas de impressão em que eram fabricados os jornais e, logo depois, o romance folhetim que foi uma das primeiras formas de propagação do romance brasileiro.

Assim, mesmo existindo poucos jornais na época, o folhetim despertou logo a atenção do pequeno público leitor. Como muitas pessoas apreciavam acompanhar as histórias e não sabia ler, tornou-se costume fazerem reuniões regulares em casas familiares para escutarem os capítulos dos folhetins. Por certo adquiriu tanto sucesso como a televisão e o cinema no mundo contemporâneo.

Da mesma forma que os espectadores da tv e do cinema gostam de se impor nos finais da trama, os leitores do folhetim também intervinham no destino das personagens e no desenvolver da história. Segundo Bourneuf e Ouellet (1976, p.14) “[...] Os romances suscitaram, sem dúvida, tantas condenações como nos nossos dias, a televisão e o cinema, que também desempenham reflexão séria, perturbam a imaginação, intoxicam os espíritos, corrompem os costumes...”. Igualmente como os outros meios de comunicação, os romances adentraram o íntimo do leitor gerando um turbilhão de sentimentos. Alguns trouxeram vantagens para crescimento pessoal, enquanto outros foram depreciáveis, por irradiarem uma emoção internalizada gerando convergências nos sentimentos dos sujeitos.

Em vista desses aspectos, disseminou no Brasil um grande número de escritores interessados no romance folhetim, entre eles Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis e Aluísio de Azevedo. Buscando descrever com realismo e emoção, os costumes, a paisagem, as questões socioculturais, e a “cor” da nação. Os jornais no século XIX adquiriram um respeitável público tanto de escritores, como também de pessoas interessadas em apreciar o romance folhetim.

As narrativas apresentavam os acontecimentos e os sentimentos do povo brasileiro através de personagens marcantes. Demonstrando suas fraquezas, e também seus sentimentos como amor, ódio, medo e coragem. Particularidades que foram pautadas na obra em estudo, uma vez que a personagem Aurélia Camargo é uma verdadeira representação de tais caracteres. Além disto, percebe-se que os cenários descritos nas obras romanescas são apresentados com grande semelhança ao ambiente vivenciado pelos seus leitores. Cândido (2004, p.41);

O que mais atraiu o leitor daquele tempo em matéria de romance parece ter sido o de costumes, no qual ele encontrava a vida de todo o dia, sem prejuízo dos lances romanescos que eram então indispensáveis. O brasileiro parecia gostar de ver descritos os lugares, os hábitos, o tipo de gente cuja realidade podia aferir, e que por isso lhe davam a sensação alentadora de que o seu país podia ser promovido à esfera atraente da arte literária.

Os autores voltavam-se cada vez mais à realidade, tencionando atender o gosto do público leitor. Por está razão, eram retratados os dramas românticos, as idealizações, desejo de nacionalismo e heroísmos. Observa-se que a evasão dos

românticos concebiam as mais distintas criações desde aquelas referentes à sociedade, como ao próprio indivíduo.

O romantismo revela o ser humano com todo seu sentimentalismo, idealizações e sonhos. Na obra *Senhora*, Alencar descreve uma sociedade marcada por aparências e pelo desejo de conquistar a qualquer custo à ascensão social. Apresentando um verdadeiro quadro da realidade fluminense. Postula Bosi. (2015, p.145),

Alencar, cioso da própria liberdade, navega feliz nas águas do remoto e do longínquo. É sempre com mesnoscabo ou surda irritação que olha o presente, o progresso, a 'vida em sociedade'; e quando se detém do juízo da civilização, é para deplorar a pouquidade das relações cortesãs, sujeitas ao Moloc do dinheiro.

Nos romances urbanos, Alencar retrata uma sociedade “fútil” corrompida pelo dinheiro. As relações são construídas unicamente para conquistar a ascensão social. Relata Coutinho (2002, p. 262) “[...] As heroínas de Alencar protestam contra o casamento por conveniência, fruto de uma sociedade autoritária, incompreensiva, da qual era necessário fugir, evadir-se em busca do mundo íntimo”. O escritor expõe com muito desprezo os costumes, e os interesses sociais da época.

3. Autor e obra

José Martiniano de Alencar nasceu em 1829 na cidade de Messejana- Ceará. Realizou os estudos iniciais e secundários no Rio de Janeiro, e logo depois em São Paulo aonde veio cursar Direito. Graduado em 1850, retorna ao Rio de Janeiro e atua como advogado, profissão que rendeu poucos dias de trabalho, já que também veio a se dedicar ao jornalismo e aos estudos literários.

Iniciou sua carreira literária com as crônicas intituladas na obra *ao correr da pena* (1856). No mesmo ano, publicou também artigos que censuravam o poema épico *confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães. Por conservar os moldes europeus que nada oferecem a cultura brasileira. A partir desse fato, José de Alencar inicia um projeto de literatura nacional apresentando a descrição da natureza, as temáticas sociais, os comportamentos humanos, e as tradições indígenas. Atendendo uma rigorosa consciência estética. Discorre Coutinho (2002, p.15);

[...] José de Alencar, o patriarca da literatura brasileira, símbolo da revolução literária então realizada, cuja obra está ligada a fixação desse processo revolucionário que enquadrou a literatura brasileira nos seus moldes definitivos, incitando o movimento de renovação; acentuando a necessidade de adaptação dos moldes estrangeiros ao ambiente brasileiro, em lugar de simples imitação servil; defendendo os motivos e temas brasileiros, sobretudo indígenas para a literatura, que deveria ser expressão de nacionalidade; reivindicando os direitos de uma linguagem brasileira; colocando a natureza e a paisagem física e social em posição obrigatória no descritivíssimo romântico; exigindo o enquadramento da região e do regionalismo na literatura; apontando a necessidade da ruptura com os gêneros neoclássicos.

José de Alencar foi primordial em perceber a necessidade de se criar uma arte genuinamente brasileira, em que fosse apresentada a natureza, a cultura dos povos, as crenças e os costumes indígenas. Uma vez que a literatura sendo um dos principais meios de comunicação poderia transmitir uma nova visão social ao leitor.

Perante esse fato, o escritor passa a ser conceituado como um dos mais importantes prosadores do romantismo brasileiro, delineando desde a figura do índio, como também o regionalismo, os temas sociais, e a realidade histórica da nação. Bosi (2015, p.147), declara que José de Alencar “[...] crê nas razões do coração e, se as sombras de seu moralismo romântico se alongam sobre as mazelas de um mundo ante natural, sempre se salva, a dignidade última das protagonistas”. A personagem exterioriza a parte mais real do romance, por meio dela se inseri a intenção do autor e as marcas do contexto vivido pelo mesmo. Representando um verdadeiro reflexo entre a realidade e o mundo ficcional.

Desta forma, mesmo retratando uma denúncia social, as narrativas de Alencar permanecem impregnadas no moralismo romântico. As suas obras visam apresentar a identidade nacional, a cultura da nação, o sentimentalismo e adotar o “estilo brasileiro” na linguagem literária. O autor conceitua sob os mais variados temas, desde o retrato social da corte carioca, como a figura do nativo e do sertanejo. Seus romances podem ser esquematizados em quatro temas distintos, entre esses os romances urbanos, regionalistas, históricos e indianistas. Nesta pesquisa, será focalizada a categoria urbana, devido a obra *Senhora* fazer parte dessa especialidade do autor.

Nesta categoria, Alencar se apresenta como um verdadeiro observador da alma humana, realizando a análise de certas figuras femininas, dentre essas, Aurélia Camargo. A esses estudos, o escritor intitula de “perfis femininos”, entre os quais se

apresenta Aurélia (em *Senhora*), Lúcia (em *Lucíola*), e Emília (em *Diva*). Essa modalidade ilustra muito bem as ambições da sociedade carioca e o devaneio romântico, apontando uma análise psicológica de suas personagens.

Retratando, os contrastes entre a ascensão social e o sentimento amoroso. Visto que, os românticos acreditavam que o amor deveria ser apresentado de forma sublime, idealizado, digno de sacrifícios, heroísmos e regenerações. De acordo com Vieira (1983, p.64),

Na impossibilidade de realizar suas pretensões amorosas, por causa várias, como proibição da família, preconceitos social e racial, os protagonistas tentam subverter a ordem e tornar possível o amor interdito e se submetem às mais difíceis provas, tornando-se figuras heroicas. Assim, o herói romântico é um ser excepcional [...] um rebelde, alguém que não teme libertar a agressividade, a violência proibida pela sociedade.

O amor pode ser compreendido como a verdadeira essência do movimento romântico. Através dos impulsos sentimentais ocorrem os anseios dessa corrente literária tais como, a procura pela subjetividade, a liberdade do inconsciente, das paixões desenfreadas e das emoções do “eu”.

Na obra *Senhora*, pode-se notar que além de prestar uma denúncia à realidade, o escritor ainda se adequa a uma visão lírica na descrição das personagens, dos dramas sentimentais, e do cenário que em que transcorre a narrativa. Segundo Coutinho (2002), por meio do lirismo romântico o escritor intercala a imaginação com a emoção, a sensibilidade e o sentimentalismo no lugar da razão. Através desse recurso, o romântico se esquia da realidade, e cria um mundo imaginário, onde a natureza passa a expressar sua alma.

Alencar (1990, p.12) descreve:

Na sala cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam, ao contrário parecia unicamente possuída de indignações por essa turba vil e abjeta.

Não era triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente com sua riqueza. Era um desafio que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como um réptil venenoso.

O autor apresenta o cenário, a beleza da protagonista e a angústia de sua alma mediante o desdém das pessoas. Transparecendo os confrontos sentimentais dessa personagem, e hipocrisia da sociedade da época. Nesse fragmento é possível

notar as comparações feitas pelo escritor para desenhar a alma da personagem, utilizando-se de elementos da natureza como a “planta” e o “réptil venenoso”. A partir desses conceitos reveladores a ficção Alencariana torna-se de extrema importância para a literatura nacional, pois retrata uma descrição fiel dos temas sociais, da paisagem brasileira, das relações entre as pessoas e a vida interior.

3.1 Personagens versus pessoa

Ao analisar uma obra ficcional é necessário ter em mente a função das peças constituintes, e o que cada uma pode contribuir no desenvolver da trama. Pois, assim o leitor poderá obter uma percepção nítida no decorrer da história. Segundo Cândido (2009) apesar do ser humano e a personagem compartilharem traços visivelmente semelhantes, pode-se notar uma grande diferença. Enquanto a pessoa se apresenta de forma completa, a personagem é designada de forma fragmentada. Já que nasce de uma intencionalidade do autor em relação as suas vivências e o mundo que o cerca. Postula Cândido (2009, p.59),

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza de seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecido pelo seu criador, que os selecionou e limitou sua lógica.

Dessa forma, mesmo transparecendo complexidade a personagem se revela mais coerente que o ser humano. Através da ótica de seu criador são formadas suas particularidades. Diferente assim da formação dos indivíduos, que agem por meio de impulsos individuais entre esses os costumes, os sentimentos, e as crenças. Ainda que sejam semelhantes os sentimentos partilhados entre ambos, percebe-se que a personagem e a pessoa vivenciam mundos diferentes. Devido uma se apresentar mais lógica que a outra.

Em virtude da notável semelhança entre o indivíduo e a personagem, que é configurada a parte essencial do romance. Por meio dela o autor insere o fio condutor do enredo apresentando suas concepções perante a realidade, e seus

sentimentos pessoais. A construção dos sentidos na composição ficcional deve-se principalmente a essa figura. Aborda Aguiar e Silva (1999, p.687),

A personagem constitui o elemento indispensável da narrativa romanesca. Sem personagem ou, pelo menos sem a gente, como observa Roland Barthes, não existe verdadeiramente narrativa, pois a função e o significado das ações ocorrentes em sintagmática narrativa dependem primordialmente da atribuição ou da referência dessas ações a uma personagem ou a um agente.

A personagem passa a integrar a natureza psicológica, moral e sociocultural do seu criador. Por intermédio dela são discernidos os elementos da narrativa e o desenvolver da história. É importante dizer que esta figura não age sozinha, para se desenvolver precisa está entrelaçada a um enredo, espaço, tempo e narrador. A partir da junção de todos esses elementos tem-se êxito ante os leitores. Como afirma Cândido (2009, p.55) “[...] a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia do romance”.

Assim, a personagem sendo objeto de criação do escritor, fantasia de seu inconsciente se torna a mais autêntica imagem da verdade existencial. Ao construí-la o autor recorre as suas visões de mundo e a maneira como as pessoas se relacionam. Pode ser vista como uma espécie de verossimilhança da realidade, pois propicia um sentimento de verdade ao indivíduo. A partir dessa grande semelhança com o mundo real, o leitor passa ver a obra ficcional como um meio de interpretar seus dramas interiores e observar seus próximos. Sobre isso, aborda Segolim (2006, p.13),

[...] Embora os seres ficcionais sejam propriamente categorias integrantes e constituintes do universo da narrativa, vamos reencontrar, na abordagem crítico analítica das personagens, as mesmas proposições a cerca da natureza representativa do objeto artístico relativamente ao mundo real, proposições estas que marcam o ponto de partida de todo o pensar sobre a arte e que ainda hoje encontramos reafirmadas, comprovando a atração que os seres humanos sempre tiveram pela atividade mimética do artista, aparentemente destinada a confirmar, através de suas criações, a existência de uma realidade comum a todos nós e dotada das mesmas leis e da mesma ordem que nossas convicções impõem ao mundo.

Apesar dos seres ficcionais corresponderem aos parâmetros integrantes da ficção, encontra-se na composição das personagens a mesma natureza

apresentada ao mundo real. As temáticas referentes à realidade serviram como fonte de inspiração para o artista, através delas os escritores divulgaram nas suas criações uma realidade comum e portadora das mesmas concepções que impõe o mundo contemporâneo.

De acordo com Segolim (2006), Aristóteles foi o primeiro a investigar a equivalência entre pessoa e personagem. Em sua *Arte poética*, é relatada a inegável semelhança entre o mundo real e o fictício. Devido constatar que os elementos integrantes são indissociáveis, por constituírem a finalidade de apresentar a “ação” da pessoa humana. Conforme Brait (1998, p.29) “[...] Durante muito tempo, o termo mimesis foi traduzido como sendo ‘imitação do real’, como referência direta à elaboração de uma semelhança ou imagem da natureza”. Concepção que vai alargando uma nova visão. Devido, os críticos apontarem que Aristóteles não estava preocupado apenas com o que era imitado, mas sim com a significação e os meios empregados na estruturação da obra ficcional.

Segundo Cândido (2009) as personagens são compostas por meio dos elementos de caracterização que o romancista emprega para figurar e definir suas ações. À vista desses fundamentos de interpretação, são definidas as personagens de costumes e as personagens históricas. A primeira é revelada mediante traços definitivos. Enquanto a segunda, é constituída além dos traços visíveis, cada mudança do seu modo impõe que o escritor lance mão de uma caracterização distinta.

Cândido (2009) aborda ainda, que Forster retornou de modo sugestivo e amplo esses conceitos. Denominando de personagens planas, as figuras que surgem em volta de uma única ideia ou qualidade não retendo a nenhuma complexidade psicológica, e personagens esféricas quando são apresentadas sob um alto grau de obscuridade sendo capaz de até mesmo surpreender o leitor. Diante disso, a personagem ficcional pode ser vista como a ferramenta em que o artista utiliza para emergir suas convicções e seus sentimentos.

2.2 uma breve designação do herói

Desde os tempos antigos a figura do herói tem sido vislumbrada através de grande encantamento. Sua força, coragem e sagacidade representaram os ideais da pessoa humana. Servindo como um modelo, pelo qual os indivíduos passaram a

comparar seus medos, fraquezas e emoções. Muller (1987) descreve que a imagem heroica se fez presente nos mais variados mitos e contos de fadas, enfrentando sombrios combates para resguardar seus valores e objetivos particulares. Passando a representar o sujeito que luta pelas suas metas, preza a liberdade e defende seus princípios morais.

Durante o movimento romântico brasileiro são apresentadas algumas dessas figuras. Entre essas, a imagem do índio situado nos romances indianistas de José de Alencar, como também as personagens fortes e corajosas de seus romances urbanos que lutam contra as imposições impostas pela sociedade. Sobre os romances Alencarianos, ressalta Cândido (2002, p.64),

Os seus romances se ordenam desde a narrativa banal sobre donzelas virtuosas casando com rapazes puros, até certas histórias de força realista, nas quais não apenas traça com o devido senso da complexidade humana o comportamento e o modo de ser de homens, e, sobretudo mulheres, mas revela por meio deles certos abismos do ser e da sociedade.

O herói romântico surgiu através de vários conflitos da sociedade autoritária. A partir dos questionamentos sociais, se acentuaram os dramas psíquicos dessa figura. Apresentando-se ora como um desordenado, ora como um guerreiro que impõe a realidade. Conforme Aguiar e Silva (1999, p.700) “[...] o conceito de herói está estreitamente ligado aos códigos culturais, éticos, e ideológicos, dominantes numa determinada época histórica e numa determinada sociedade”. A significação se determina aos ideais em que está inserido, Visto que sua imagem representa os padrões morais e ideológicos que o corpo social valoriza.

Kothe (1985) argumenta que a figura do herói pode ser analisada por meio de vários ângulos. Pois, o sistema dominante é quem aponta e conceitua os valores considerados heroicos. Desta maneira, as transformações sociais de uma época podem alternar totalmente o conceito de heroísmo. Já que, conseqüentemente, a renovação ocasiona a inversão de alguns valores.

Assim, percebe-se que a imagem do herói transmite múltiplas significações, o contexto social é quem designa os valores que devem ser almejados. Aborda Kothe (1985, p.15) “[...] o herói épico é o sonho do homem em fazer a sua própria história; o herói trágico é a verdade do destino humano; o herói trivial é a legitimação do poder vigente”. Pode-se dizer que os tipos de heróis são ilimitados, e que cada um traz uma significação específica.

Nos contextos socioculturais representa uma arma de combate. Na qual, o escritor busca resgatar a essência divina do ser humano. Afirma Aguiar e Silva (1999, p.700) “[...] O herói, em vez de se conformar com os paradigmas aceites e exaltados pela maioria da comunidade, aparece como um indivíduo em ruptura e conflito com tais paradigmas, valorizando o que a norma social rejeita e reprime.” Tornando-se, portanto, um espelho em que são refletidas as virtudes descartadas na sociedade.

Em vista da verossimilhança com o mundo real, as atitudes da personagem torna-se modelo de inspiração para pessoa humana, uma vez que esta procura assemelhar suas ações com as apresentadas pelo herói. Miller (1987, p.7) “O herói representa, portanto, o modelo do homem criativo, que tem coragem para ser fiel a si mesmo, aos seus desejos, fantasias e às suas próprias concepções de valor”.

3. O romance *Senhora*

Divulgado em 1875, o livro *Senhora* constitui a última obra do escritor José de Alencar. Em que é apresentada Aurélia Camargo. Uma personagem de características únicas, linda, ousada, inteligente e desdenhosa. O narrador retrata seus traços de forma tão realista, que parece penetrar em seu íntimo expondo seus medos, frustrações e sentimentos. Como uma transação comercial, o romance divide-se em “preço”, “quitação”, “posse” e “resgate”.

Na primeira parte intitulada “preço”, o narrador descreve o surgimento de Aurélia na sociedade fluminense. Uma jovem, formosa, órfã e proprietária de uma herança milionária. Vive acompanhada por uma velha parenta chamada Dona Firmina, e pelo tio Lemos, sujeito que administrava toda a sua fortuna. Nos relata Alencar (1994, p. 11-22) “constava também que Aurélia tinha um tutor; quando Lemos na qualidade de tio fora pelo juiz de órfãos encarregado da tutela de Aurélia”.

Ao participar dos elegantes bailes da corte, a heroína constata que boa parte de seus admiradores estavam unicamente interessados na sua fortuna. Visto que, os sujeitos da época tinham o costume de se mercantilizar no mercado matrimonial. Sobre essa causa, Aurélia traça seu destino. Pedindo ao tio que organizasse de forma sigilosa seu casamento com Fernando Seixas, aquele que estava noivo de Adelaide Amaral. Por conhecer o caráter do futuro noivo, a jovem sabe que um dote valioso seria uma proposta irrecusável. Alencar (1994, p.52);

Seixas era um homem honesto; mas ao atrito da secretária e ao calor das salas, sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível de cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição. Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança; mas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente na nossa sociedade.

Desse modo, Lemos faz uma oferta de cem contos de réis a Fernando para se casar de forma misteriosa, ao qual ele só poderia conhecer a moça no dia do casamento. Quando é revelada a noiva, o rapaz sente no seu espírito uma mistura de sentimentos. Pois, Aurélia foi a ex noiva, que ele havia abandonado para se casar com uma moça rica. A partir dessa cena é iniciado confronto entre o casal. Alencar (1994, p. 75),

Aurélia como se lhe adivinhasse o pensamento, esteve por algum tempo afontando-o com inexorável desprezo.
- Agora, meu marido, se quer saber a razão por que o comprei de preferência a qualquer outro, vou dizê-la; e peço-lhe que não me interrompa. Deixe-me vaziar o que tenho dentro dessa alma, e que há um ano a está amargurando e consumindo.

Na parte “quitação”, o autor apresenta o passado do jovem casal. Relatando as dificuldades enfrentadas pela heroína, como também as causas que a ajudaram conduzir seu plano de vingança. Ao perder o pai prematuramente, vivia ajudando nas despesas de casa, fazendo costuras e auxiliando nas atividades do irmão. Certa vez, Dona Emília, sua mãe ao se encontrar muito doente implora a filha que ficasse na janela para encontrar um casamento. Já que não queria morrer e deixa-la órfã. Alencar (1994, p. 84),

Nestas circunstâncias, a mãe só via para a filha o natural e eficaz apoio de um marido. Por isso não cessava de tocar à Aurélia neste ponto, e a propósito de qualquer assunto.
Se vinha falar-se de sua moléstia que fazia rápidos progressos, dizia Emília à filha:
- O que me aflige é não ver-te casada. Mais nada.
[...] Esta reclusão afligia a viúva, que muitas vezes lhe dizia:
Vai para janela, Aurélia.

Cumprindo o desejo da mãe, Aurélia todos os dias ficava na janela encantando os cavalheiros que passavam por sua rua. O que ela não esperava, era que seu coração fosse se encantar por Fernando Seixas, moço elegante, bonito e culto. Alencar (1994, p. 93) “As horas que Seixas passava junto de si, eram de elevo para ela que embebia-se d’alma do amigo. Esta provisão de afeto chegava-lhe para encher de sonhos e devaneios o tempo da ausência”.

Sentimento que fluiu não apenas em sua alma, mas também no próprio rapaz. Firmando repentinamente um compromisso com ela. União que dura pouco, pois, o fato de viver na pobreza assustava o jovem. Por isso, ele termina o noivado para se casar com Adelaide, moça de melhores condições financeiras. Alencar (1994, p. 115) “ o senhor não me abandonou pelo amor de Adelaide e sim por seu dote, um mesquinho dote de trinta contos !”.

Partindo disso, na terceira parte nomeada “posse”, Alencar retrata a convivência do casal, logo após o casamento misterioso. Uma rotina mesclada de aparências. Onde a heroína se utiliza de seus preceitos para aperfeiçoar o caráter do amado. No meio social representavam o papel de um casal feliz e apaixonado, mas, quando ficavam sozinhos assumiam um casamento formado de conveniência. Trocando denúncias e palavras ofensivas, Aurélia se via proprietária de Fernando Seixas, fazendo dele seu objeto. Alencar (1994, p. 195) “O súdito diz à soberana, como o servo a sua dona, senhora. [...] Quer isso dizer que o senhor considera-se meu escravo ? perguntou Aurélia fitando Seixas.

- Creio que lho declarei positivamente, desde o primeiro dia, ou antes desta noite de que data a nossa comum existência”.

Na última parte intitulada “resgate”, o autor expõe as contradições no perfil da protagonista. Sucedendo a dignidade dos protagonistas através do amor. Mesmo transparecendo uma mulher fria, incessível, e cruel. Na sua alma eram aflorados outros sentimentos, como orgulho e paixão. Devido a isso, que inicia uma transformação no caráter de seu marido. Ao invés de apreciar as regalias do casamento, Seixas passa a trabalhar incansavelmente. Visando, pagar o dote a Aurélia para sair da situação humilhante. Ao conseguir o dinheiro, faz o pedido imediato do divórcio, deixando sua esposa atônita por perceber tamanha mudança em sua personalidade. Alencar (1994, p. 229-230);

[...] A senhora pagou-me cem contos de réis; oitenta em cheque do Banco do Brasil que lhe restituo intacto; e vinte em dinheiro, recebido a trezentos e trinta dias. [...] Então Seixas abriu a carteira e tirou com o cheque vinte e um maço de notas, de contos de réis cada um [...] A moça com a fleuma de um negociante, abriu os maços um após outro e contou as cédulas pausadamente [...] - Está certo. quer que lhe passe um recibo ?

- Não há necessidade. Basta que me restitua o papel de venda.

A moça tirara do maço o papel e o deu a Seixas, que fechou-o na carteira.

- Enfim partiu-se o vínculo que nos prendia. Reassumi a minha liberdade, e a posse de mim mesmo. Não sou mais seu marido.

Ao confirmar a regeneração de seu amado, a jovem ajoelha a seus pés e confessa todo o sentimento de sua alma. Para comprovar seu amor, mostra o testamento decretando Seixas como seu único herdeiro. Atitude que faz com que o casamento seja finalmente consumado. Alencar (1994, p. 233) “As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acareciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal”.

3.1 A dualidade da heroína

Sucedem-se no procedimento de Aurélia atos inexplicáveis e tão contraditórios, que derrotam a perspicácia do mais profundo fisiologista. (Alencar 1994, p.126)

A personalidade distinta de Aurélia permitiu que fossem descortinadas as esferas sociais e os comportamentos humanos de seu tempo. Para Cândido (2000, p.4) “[...] o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto interno”. Principal recurso da composição ficcional.

Em *Senhora*, Alencar apresenta um quadro fiel da sociedade fluminense onde são retratados os princípios morais, a condição feminina e o contraste entre os sentimentos do indivíduo. O caso externo (social) torna-se interno por conferir o processo estrutural da obra. Sobre isso, relata Silva (2015, p.7) “[...] a duplicidade (essência/aparência, individual/social, periférico/central) é uma de suas principais marcas estéticas”.

Pode-se notar essa duplicidade nas próprias personagens, divididas entre a emoção e a razão, a subjetividade e a objetividade. No perfil da protagonista Aurélia, o narrador aponta uma dicotomia do seu lado interior e exterior. Embora socialmente se apresentasse como uma mulher soberba e altiva, em seu íntimo essas atitudes não passava de dramas sentimentais. Conceitua Silva (2015, p. 9-10) “[...] Aurélia, no fundo, não passa de uma típica personagem romântica, cujos principais traços - a maior parte deles adormecida sob uma máscara de auto-suficiência - são a puerilidade, a ingenuidade e o idealismo”. Assim, como as outras heroínas alencarinas, Aurélia idealizava o amor virtuoso que seria capaz de renunciar sua própria existência.

Uma das contradições da personagem se refere à forma desprezível que tratava Fernando Seixas. As palavras de ódio e vingança eram na verdade desejo de amar e conquistar o amor idealizado que sempre sonhou. Esclarece Alencar (1994, p.127),

O sentimento que animava Aurélia podia chamar-se orgulho, mas não vingança. Era antes pela exaltação de seu amor que ela ansiava, do que pela humilhação de Seixas, embora essa fosse indispensável ao efeito desejado. Não sentia ódio pelo homem que a iludira; revoltava-se contra a decepção, e queria vencê-la, subjugar-la, obrigando esse coração frio que não lhe retribuía o afeto, a admirá-la no esplendor de sua paixão.

A contradição da heroína se inicia também na delimitação do espaço físico. Uma vez que, no ambiente social assume um papel divergente de quando se encontra no espaço privado. Ao participar dos grandes bailes da corte, Aurélia percebe que boa parte de seus admiradores estavam unicamente interessados em seu dinheiro. Aborda Alencar (1994, p.6);

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia o trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam. Por isso, mesmo considerava ela o ouro vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis.

Embora flutue a dualidade anjo/demônio, a personagem Aurélia Camargo foi perfeitamente construída nos moldes da estética romântica. Os traços distintos serviram para confrontar e esclarecer as indagações sobre o perfil feminino e as convenções sociais da época. Como elucida Bourneuf e Ouellet (1976, p.209) “A apresentação das personagens a partir do exterior revelou-se frequentemente eficaz [...] para dramatizar o conflito entre um indivíduo e a sociedade”.

Em “perfis de mulher”, a figura feminina é vista como porta voz do narrador, exprimindo suas particularidades através do olhar. Declara Pontieri (1988, p.41) “Em *Senhora*, o movimento do olhar tem dupla face: é ato de conhecimento, decifração e criação, por um lado; e também ato de vigilância e domínio por outro”. Por meio da percepção de mundo, a heroína censura os modelos sociais e expõe as contradições de seu espírito.

Pontieri (1988) apresenta Aurélia como a medusa que petrifica a todos pelo olhar. Uma de suas vítimas é Fernando Seixas, aquele que em tempos passados

havia descartado seu amor. Através dessa frustração, surge então As contradições da heroína ora vingativa, ora cativa. Alencar (1994, p.87) “[...] Pois bem, disse eu, essa riqueza servirá para dar-me a única satisfação que ainda posso ter desse mundo. Mostrar a esse homem que não soube me compreender, que mulher a amava, e que alma o perdeu”.

A imagem da protagonista se associa também ao mito do Pigmalião. Pois, da mesma forma que ela “esculpe” e idealiza a imagem do homem amado, o narrador compartilha uma relação peculiar em sua composição. Aborda Pontieri (1988, p.45) “O mito do pigmalião, pelo qual se explica a relação de Aurélia com sua criatura Seixas, explica também a relação do narrador com a criatura mulher narrativa”. O narrador onisciente revela Aurélia por meio de traços tão ímpares, que não apenas deixa Seixas desnordeado, mas também o próprio leitor.

O enigma da protagonista advém de seu caráter, da sua beleza e de suas palavras. A excentricidade de sua imagem se origina por efeito de todos os elementos de sedução. Alencar (1994, p.10) “As que falam como uma novela, em vil prosa, são essas moças românticas e pálidas que se andam evaporando em suspiros; eu falo como um poema: sou a poesia que brilha e deslumbra!”. Nesta cena, a própria Aurélia se declara uma mulher excepcional diferente de todas aquelas de seu tempo.

3.2 Aurélia: A heroína romântica

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.
Desde o momento da sua ascensão ninguém lhe
disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos
salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos
poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

(ALENCAR, 1994, p. 11)

Logo nas primeiras páginas, Alencar descreve Aurélia como uma figura elevada ao plano comum dos mortais. Seu surgimento é associado a uma estrela. Símbolo celeste que personifica o renascimento, o divino e a perfeição. O narrador a apresenta como rainha, musa e ídolo dos noivos em disponibilidade. Seus traços singulares revelam uma mulher totalmente fora dos costumes da época.

De acordo com Silva e Aguiar (1999), o início do romance revela as características da protagonista desde sua imagem física, como também sua face psicológica. Seu nome é um dos principais elementos de caracterização. Através dele são incluídas as particularidades pessoais.

O nome da protagonista Aurélia vem do latim *aurum* que significa ouro. Definição que elucida muito bem os adjetivos utilizados pelo narrador no início da trama, já que estes desvendam as características singulares da personagem. Alencar (1994, p.5);

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com a sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e os perigos que a ameaçavam. [...] Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim uma máscara de alguma profunda decepção.

O narrador descreve Aurélia, como uma figura incomum a sociedade fluminense. Uma mulher que defendia suas emoções, e lutava contra os princípios patriarcais da época. Seu criador a desvenda por meio de traços elaborados, onde expõe não apenas seus aspectos físicos, mas também a complexidade de sua alma. Segundo Freyre (2013, p.128) “O homem foi dentro do patriarcalismo brasileiro, o elemento móvel, militante e renovador; a mulher, o conservador, o estável, o de ordem”. Ser boa mãe e senhora do lar, constituía os atributos femininos essenciais. Nesse período a sociedade delimitava o espaço privado para mulher e o público para o homem. Afirma Freyre (2013, p.89),

[...] no passado a mulher não tinha o direito de sair nas ruas, e nem se apresentar para estranhos. Entrar homem estranho em casa ouvia-se logo o ruge-ruge de saias de mulher fugindo, o barulho de moças de chinelo sem meia se escondendo pelos quartos ou subindo as escadas.

A mulher não poderia possuir contato com a esfera social, era destinada unicamente para o ambiente familiar. Na obra *Senhora*, Alencar expõe uma visão crítica sobre os princípios morais, as relações entre as pessoas da época, e os interesses sociais. Aborda Cândido (2002, p.65);

Igualmente apreciável é *Senhora* (1875), denúncia do casamento por interesse pecuniário, no qual desenvolve uma das suas preocupações constantes: o papel do dinheiro na classificação e avaliação das pessoas, bem como no próprio teor das relações burguesas.

De acordo com Del Priori (2006), o casamento era visto como um meio de se garantir um futuro próspero. Uma forma de mercado, onde os indivíduos se mercantilizavam para enaltecer seu status. Conforme Del priori (2006, p.229) “o casamento entre as famílias ricas e burguesas era usado como degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção dos status (ainda que os romances alentassem, muitas vezes, uniões ‘por amor’)”.

Perante as futilidades do século XIX, Alencar apresenta Aurélia. Uma jovem que se diversificava de todas as outras. Ela se apaixona por Fernando Seixas, rapaz de boa índole que também a amava, porém, muito ambicioso. Gostava de se exibir nas repartições sociais como um rapaz fino, e bem de vida. Utilizava-se de atitudes desprezíveis para manter sua imagem distinta na sociedade.

Uma delas pode citar o término do noivado com Aurélia Camargo, moça pobre e órfã. Para se casar com Adelaide. Jovem que não nutria nenhum tipo de sentimento, mas que poderia resolver seus problemas financeiros com seu dote de trinta contos de réis. Ao deixar sua noiva, Seixas não imaginou a possibilidade de acontecer tamanha reviravolta em sua vida. Por meio de uma herança milionária, Aurélia torna-se a mulher mais rica e desejada de toda a corte carioca. Acontecimento que serviu para que a mesma configurasse uma nova visão do meio social que vive. Alencar (1994, p.83),

A riqueza que lhe sobreveio inesperada, erguendo-a subitamente da indigência ao fastígio, operou em Aurélia rápida transformação; não foi, porém no caráter, nem nos sentimentos que deu a revolução; estes eram inalteráveis, tinha a fina têmpera de seu coração. A mudança consumou-se apenas na atitude, se assim nos podemos exprimir dessa alma perante a sociedade.

O trauma em ter sido abandonada por causa de dinheiro, despertou em Aurélia ações de uma mulher vingativa. A riqueza inesperada serviu como uma arma poderosa contra aquele que havia desprezado seus sentimentos, e trocando seu amor por um mesquinho dote. Evidencia Thiengo (2008, p.11) “[...] o principal móvel de Aurélia será casar-se com Seixas, o homem que a rejeitou, oferecendo a ele o que anteriormente faltava, o recurso financeiro, em forma de dote”.

Nessa ideia desdenhosa da protagonista, surge o início de uma ruptura com os modelos tradicionais. Ao invés de submissa, Aurélia se apresenta de forma dominante. Ela que efetua o dote de cem contos de réis a seu amado, fazendo este seu escravo. Alencar (1994, p. 118) “ - Ajustei-me por cem contos de réis, continuou

Fernando; foi pouco, mas o mercado está concluído. [...] – Quer que lhe passe um recibo?... Não; confia na minha palavra. Não é seguro. Enfim estou pago. O escravo entra em serviço”.

Essa conduta excepcional faz de Aurélia uma protagonista divergente nos “perfis de mulher” de José de Alencar. Desde o início da narrativa se apresenta como uma figura dominante, ativa e sagaz. Como afirma Pontieri (1988, p.84) “Ela maneja seu tutor com a mesma habilidade com que calcula sua fortuna ou planeja a estratégia de compra do marido. Única ainda pela astúcia de impedir ingerências da sociedade em sua vida”.

Em uma passagem da obra, o narrador descreve muito bem esse fato. Alencar (1994, p.87) “É tempo de concluir o mercado. Dos cem contos de réis, em que o senhor avaliou-se, já recebeu vinte; aqui tem os oitenta que faltavam. Estamos quites, e posso chama-lo de meu; meu marido, pois é este o nome da convenção”. Nesta cena, o autor expõe o lado social como um dos componentes fundamentais na construção interna do romance. O casamento por conveniência pode ser compreendido como um dos mais importantes elementos no desenvolver da trama. Em torno dessa questão convergem as revoltas impetuosas entre o casal protagonistas. Afirma Pontieri (1988, p.51),

O choque dessas ordens toma, afinal, o aspecto de formas diferentes de leitura da realidade: Aquilo que Seixas e seu mundo conhecem como “casamento de conveniência”, Aurélia interpreta, com aguda consciência crítica, como “mercado matrimonial”. Para ela trata-se de ensinar Seixas a ler o mundo segundo um código que ele, “carioca da gema” e afeito à sociedade mercantil desconhece completamente. Visto desse ângulo, o andamento da narrativa reflete o processo de educação do marido.

A percepção superficial de Seixas faz com que Aurélia opere no seu ser uma nova visão de mundo. A heroína explora suas armas, a beleza, o ouro e a palavra. Por meio delas, brilha e enfeitiça. Reinventando assim, os princípios do homem amado. No decorrer da narrativa pode-se perceber a regeneração de Seixas, quando este descarta Byron poeta de seus devaneios para estimar Shakespeare escritor que Aurélia apreciava. Alencar (1994, p. 167) “Seixas renegara o poeta dos antigos devaneios, para afeiçoa-se ao trágico inglês, que ele outrora achava monstruoso e ridículo [...] Aurélia observava o marido, e assistia comovida à transformação que se fora operando naquele caráter”.

Assim, Alencar retrata a heroína que luta pelos seus objetivos, enfrenta seus medos e frustrações pessoais. Observa-se que nem mesmo as imposições sociais se tornaram empecilho para que a compra fosse efetuada. A protagonista honra seus princípios, sentimentos e convicções. Como afirma Pontieri (1988, p.84) “Aurélia é a única das heroínas que não tem quem lhe corte as asas”. Ela se revela dona de seu destino e a soberana de seu amado.

Em *Senhora*, muitas leitoras se identificavam nas ações da protagonista. Já que eram remetidas ao sentimentalismo, a subjetividade e a liberdade do “eu”. Para Bourneuf e Ouellet (1976, p.29) “o romance é, pois mais que uma narrativa; o romancista coloca-se entre o leitor e a realidade que lhe quer mostrar e interpreta-a para ele”. A partir deste, o autor expõe aos olhos do leitor o retrato das mazelas sociais e dos dramas interiores.

No desenvolver do enredo são apontados os conflitos de Aurélia, dividida entre a emoção e a razão, o desejo de amar e de castigar seu amor. Thiengo (2008, p.11) “O herói a encontra, o amor acontece, mas o casamento, não. O mundo se interpõe entre o casal como obstáculo, e caberá a heroína tentar removê-lo, movida pelo amor”. Iniciando um verdadeiro duelo entre o desgosto da mulher traída e do homem vendido. Em várias passagens, o narrador retrata a fúria da mulher enganada e vingativa. Alencar (1994, p.56),

Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter esse orgulho, que os melhores atores não nos excederiam. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entretemos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

- Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma.

-Vendido sim; não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem mil cruzeiros, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. [...] Não se pode exprimir o sarcasmo que salpicava dos lábios da moça, nem a indignação que vazava dessa alma profundamente revolta, no olhar implacável com que ela flagelava o semblante do marido.

Nesta cena são retratados os interesses sociais da época, na qual as pessoas se preocupavam mais com a posição social, do que com os próprios sentimentos. Fernando Seixas, por exemplo, aceita o dote milionário sem ao menos saber que a tal noiva misteriosa se tratava de Aurélia Camargo. Uma atitude bastante

compartilhada por muitos indivíduos que preferiam uma vida de conveniência, que uma miserável. Desse modo, a protagonista torna-se extraordinária por revelar nitidamente as convenções sociais de seu tempo. Aborda Brait (1998, p.11): “[...] a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionado”.

Por meio da íntima relação entre o mundo real e o ficcional, a personagem Aurélia expõe um verdadeiro espelho de sua época. José de Alencar apresenta os descasos sociais e a maneira como a figura feminina era vislumbrada. Originando um novo perfil de mulher. Aquela que luta por seu espaço, defende seus princípios e sentimentos, sem temer as consequências de seus atos.

Suas ações rompem todas as regras sociais, a protagonista passa a ocupar atividades e ambientes dedicados especialmente ao sexo masculino. Descreve Alencar (1994, p.64), “A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam”. É possível perceber a genialidade da protagonista em ter se utilizado do dinheiro, mesma arma que antes havia destruído seus sonhos, para resgatar seu amado.

A heroína torna-se uma das principais representantes do universo feminino. Em uma época que a mulher era submissa, ela assumia o papel de senhora e fazia de Fernando Seixas seu escravo. Neste episódio o narrador descreve a forma como se sucedia a relação entre o casal. Alencar (1994, p.129) “[...] – a senhora deseja ficar só? - perguntou Seixas. – Ordene, que eu me retiro agora e em qualquer ocasião”.

Apesar de todo sarcasmo, Aurélia não passava de uma mulher romântica na busca do amor idealizado. Seu desejo era apenas ser amada. Entre tantos admiradores, escolhe Fernando aquele que havia causado tanto sofrimento a seu espírito. Nos relata Alencar (1994, p.65) “como todas as mulheres de imaginação e sentimento, ela achava dentro em si, nas cismas do pensamento, essa aurora d’alma que se chama o ideal, e que doura a o longe com sua doce luz aos horizontes”. Ela buscava o amor expresso nos versos dos poetas, por esse motivo utiliza toda sua herança para conquistar sua felicidade.

Percebe-se isso, na cena em que Seixas quita toda sua dívida para sair daquela situação constrangedora. E Aurélia completamente desesperada, se rende a seus pés confessando o sentimento que sufocava sua alma, até mesmo quando lançava palavras de ódio e vingança. Alencar (1994, p.233),

-Pois bem, agora ajoelho-me a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te.[...] -Aquela que te humilhou aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de tua paixão. Aqui a tens implorando teu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de tua alma. Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que ajoelhara a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em fervido beijo... [...] As cortinas cerraram-se e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.

Aurélia impregna todas as marcas do herói romântico. Luta por seus sentimentos, transgredir valores, enfrenta anseios, temores, resgata o amor ideal e depois se redime. Sob esse aspecto afirma Vieira (1983, p.69) “o herói se torna submisso para preservar os valores da sociedade e também para preservar a dignidade e honra”. Mesmo se apresentando como uma figura oposta, no final volta a conservar os princípios da época.

Considerações finais

Embora a mulher seja retrata pelos poetas como um ser sublime e divino, em tempos passados a realidade era bem diferente. Nas narrativas são expostos os princípios e os preconceitos vigorados no século XIX. Visto que, a corrente romântica ocasionou a ruptura de estereótipos em relação à figura feminina, e a busca dos sentimentos inseridos no “eu”. José de Alencar foi um dos escritores que teve maior destaque ao registrar a trilogia perfis de mulher (*Senhora, Lucíola e Diva*) apontando nessas obras os costumes da sociedade oitocentista e os traços que delineava o papel feminino naquele período.

Sendo assim, neste estudo foram analisadas as questões apresentadas na obra *Senhora*, e os aspectos de construção da protagonista. Nota-se que ao invés de cativa, Aurélia Camargo se revelava uma mulher singular, e muito distinta tanto em suas ações como em seus sentimentos. Por meio dessas características ímpares,

a protagonista passou a simbolizar a heroína que luta por seus ideais, sentimentos e seu espaço na sociedade.

As contradições no seu íntimo representaram uma antecipação da mulher contemporânea, além de também diversificá-la no seio literário. Por meio de seus traços distintos, Alencar desenha uma cópia humana. Ela foi guerreira, corajosa, sagaz, teve seus momentos de fraqueza, mas no final conseguiu ser vencedora resgatando a dignidade e o amor de seu amado. Nota-se a astúcia dessa mulher em ter se utilizado do “dinheiro”, mesma arma que antes havia ferido seus sentimentos para recuperar o amor do homem que amava. No final, ao cumprir toda a batalha, a heroína volta a ser “submissa” aos modelos da época, nomeando Seixas como senhor de sua alma.

Referências

ALENCAR, José. **Senhora**. Rio de Janeiro: Scipione Ltda, 1994.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOURNEUF, R., OUELLET, R. **O universo do romance**. Trad. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CANDIDO, Antônio. **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, s.d. 2009

CANDIDO, Antônio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanistas/FFLCH, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária/ Antônio Cândido- 8ª ed.- São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.**

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil/ direção Afrânio Coutinho; co-direção Eduardo de Faria Coutinho.-6.ed. rev. e atual.- São Paulo: Global, 2002.**

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 1. ed. São Paulo: Global, 2013.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. 1. ed.- São Paulo: Ática, 1985.

MULLER, Lutz. **O Herói: Todos nascemos para ser heróis**. 10. ed. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1987.

PONTIERI, Regina Lúcia. **A voragem do olhar**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi (coord. de textos). 8. ed.- São Paulo: contexto 2006.

THIENGO, M. **O Perfil de mulher no romance Senhora, de José de Alencar**. Travessias, 2008.

SILVA, M. **Personagem e ambiguidade em Senhora, de José de Alencar**. Revista de Estudos Literários UEMS, 2015.

SEGOLIM, Fernando. **Personagem e Anti- Personagem**. São Paulo: Olho d' Água, 2006.

VIEIRA, J. B. **O herói romântico**. Revista do Centro de Estudos Portugueses, 1983.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 () Monografia
 (X) Artigo

Eu, Iomana Layla Luz Vieira,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A construção da heróica romântica no romance
Senhora de José de Alencar
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 12 de junho de 2019.

Welber Feitor Ribeiro

Assinatura

Iomana Layla Luz Vieira

Assinatura